



AS NOVAS TECNOLOGIAS E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: uma visão sobre o papel do professor no ciberespaço.

NEW TECHNOLOGIES AND EDUCATIONAL PRACTICES : an insight into the teacher's role in cyberspace.

- **Arielli Curado Andrade Bueno** (UFG, ariellicab@gmail.com)
- **Leitura crítica: Isabel Maria M. de Azevedo Marques** (www.caleidos.com.br)

Resumo:

Nas últimas décadas ocorreram diversas mudanças no cenário cultural e tecnológico em que nossa sociedade está inserida. Consequentemente, isso se refletiu nas nossas vivências cotidianas, inclusive nas escolas, modificando comportamentos e ressignificando valores de todos que convivem com as novas tecnologias. Alterando, também, o papel do professor, a sua prática pedagógica e a relação professor/estudante. O professor, os livros e as apostilas não são os únicos que apresentam o conhecimento. O ciberespaço através de suas infinitas rotas expõe informações onde o usuário pode acessá-las e modificá-las conforme sua vontade. Esse artigo aborda uma pesquisa a partir de diálogos com professores e levantamento bibliográfico sobre como as novas tecnologias reconfiguram as práticas pedagógicas, modificam o espaço e a forma como o conhecimento se propaga. Esse artigo aborda uma pesquisa a partir de diálogos com professores e levantamento bibliográfico com os diversos autores como: Cunha, Lévy, e Kenski sobre como as novas tecnologias reconfiguram as práticas pedagógicas, modificam o espaço e a forma como o conhecimento se propaga. Propondo uma reflexão sobre o papel do professor quanto mediador/provocador do conhecimento e o uso das novas tecnologias em sala de aula. Sendo que é um desafio constante a adotar subsídios que confrontam a linearidade do conhecimento e aliar os conteúdos propostos com as interfaces da internet visa-se neste artigo ao estudo de uma educação digital consciente para que os estudantes tenham autonomia crítica na busca do conhecimento dentro e fora do ciberespaço, tornando-os cidadãos responsáveis e cientes da sua participação na cibercultura.

Palavras-chave: educação digital; novas tecnologias; práticas pedagógicas, ciberespaço.

Abstract:

In recent decades there have been various changes in cultural and technological scenario in which our society operates. Consequently, this was reflected in our daily live, including in schools, changing behaviors and giving new meaning to values of all who live with the new technologies. Changing the teacher's role, its pedagogical practice and the teacher / student relationship. The teacher, books and handouts are not the only ones who have the knowledge. Cyberspace through its endless routes exposes information where the user can access them and modify them at will. This article discusses a survey from dialogues with teachers and literature on how new technologies reconfigure the pedagogical practices, modify the space and the way knowledge spreads. This article discusses a survey from dialogues with teachers and literature with several authors as: Cunha, Lévy, and Kenski on how new technologies reconfigure the pedagogical practices, modify the space and the way knowledge spreads. Proposing a reflection on the teacher's role as mediator / Edgy knowledge and the use of new technologies in the





classroom. Being that it is a constant challenge to adopt subsidies that confront the linearity of knowledge and combine the proposed content with the interfaces of the Internet aims to be a conscious digital education to students so that they have autonomy criticizes the pursuit of knowledge within and outside cyberspace. Making them responsible citizens and aware of their participation in cyberspace.

Keywords: digital education; new Technologies; pedagogical practice, cyberspace.

1. Introdução

A sociedade vivencia um período onde as novas tecnologias estão presentes como parte vital dos cotidianos, alterando espaços físicos, virtuais e a inter-territorialidade do indivíduo entre esses espaços. Conseqüentemente, alteram as dinâmicas das aulas e as práticas pedagógicas da escola.

Os estudantes podem estar presentes em sala de aula, entretanto, por meio do seu aparato tecnológico, eles adentram em qualquer território do ciberespaço, em navegações aleatórias que podem não serem relevantes para exercício da sua cidadania. Na era tecnológica a informação não é mais produzida necessariamente por intermediação dos professores: qualquer pessoa pode modificá-la e manipulá-la conforme seu olhar. Ou seja, somos agentes passivos e ativos na busca e fornecimento de informações. Diante disto, indaga-se: Qual é o papel do novo professor na mediação do conhecimento dentro de um cotidiano escolar dominado pelas novas tecnologias? Pois, em função delas, modificou-se a visão em que o estudante deve permanecer omissos ao que lhe é mediado pelo professor. Ao utilizar as novas tecnologias, o estudante pôde perceber que é o agente e o receptor das informações no ciberespaço.

Esse artigo visa refletir sobre o papel do professor e sua reconfiguração para aliar o conhecimento formal das escolas com a mente digital dos estudantes. Por meio de um levantamento bibliográfico com autores que se inter-territorializam com as novas tecnologias e a educação, relatos e entrevistas com professores de diversas instituições onde os mesmos relataram seu cotidiano escolar e a visão sobre as transformações que as novas tecnologias impuseram na comunidade escolar, percebe-se que a escola está numa realidade conflitante com estudantes que têm acesso a abundante quantidade de conteúdos e aparatos tecnológicos sem, contudo, necessariamente, utilizá-los com autonomia e consciência crítica.

Desta forma, urge a necessidade de conciliar práticas pedagógicas com o universo digital do estudante, criando alternativas viáveis para o uso das novas tecnologias juntamente com os conteúdos propostos pelos currículos formais, educando nossos estudantes para serem cidadãos responsáveis, éticos e justos também nas rotas virtuais.

Objetiva-se contribuir para a inserção do professor no letramento digital e no papel de facilitador e provocador de discussões dentro e fora do ciberespaço além de proporcionar uma educação digital aos estudantes e auxiliá-los na transformação da informação em conhecimento. Para isto, é necessário afirmar que as novas tecnologias e as práticas pedagógicas convencionais não podem estar desassociadas. Pois, elas colaboraram para a formação de estudantes questionadores e humanizados sobre os acontecimentos que ocorrem dentro e fora da escola.





Para este estudo, entrevistas escritas e em vídeo foram realizadas no período de maio a julho de 2015 com seis professores de Letras e Pedagogia que atuam em estabelecimentos de ensino públicos e privados na cidade de Goiânia. Esses profissionais ministram aulas: na Educação Infantil, EJA, Ensino Fundamental e Educação Inclusiva. Dentro de um diálogo com os professores sobre a relação das novas tecnologias com as práticas pedagógicas, cotidiano escolar e conteúdos propostos pelos currículos escolares, retratou-se o cotidiano dos estudantes em sala de aula, a alteração que as novas tecnologias trouxeram na mediação do conhecimento e o relacionamento professor /estudante/ novas tecnologias.

2.As práticas pedagógicas se modificam com as novas tecnologias?

As tecnologias são utilizadas pelos seres humanos desde os primórdios para facilitar seu cotidiano e convívio social. Atualmente, vivemos numa era dominada pelas novas tecnologias tais como: celulares, tablets e outros que se interligam pela a internet e demais dispositivos. Praticamente, todas as classes sociais têm acesso a elas o que, por sua vez, modifica a vivência e a forma como nos relacionamos com a sociedade. Sentimos a necessidade de uma conexão para compartilhar no mundo digital as nossas ações reais e vivências dentro da própria rede. Como o acesso à informação é imediato, consomem-se vorazmente as informações presentes nas novas tecnologias, integrando-as ao nosso estilo de vida, modificando e ressignificando valores.

O espaço pertinente a cibercultura não é neutro e esse processo de interconexão já tem suas repercussões e consequências na sociedade. Contudo, trata-se de um universo indeterminado onde cada nó da rede emite ou produz uma informação que reorganizam dentro conectividade global, tornando o ciberespaço num sistema do caos, onde o crescimento é acelerado e com opacidade nos sentidos. (LÉVY, 1999).

Essas alterações das vivências espaciais e da obtenção de informações geradas pela internet se refletem, necessariamente, na escola. Percebe-se que os estudantes são expostos a essa realidade e utilizam os equipamentos tecnológicos desde a tenra idade. A professora A., entrevistada para esta pesquisa da Educação Infantil, relata que para recompensar o bom comportamento da criança, os pais entregam o celular/tablet desbloqueado sem verificarem o conteúdo que será acessado. Inclusive, muitas acessam aplicativos como o whats app e mandam mensagens antes de aprenderem a ler e a escrever.

Observa-se que estudantes incorporam essa inter-relação com a tecnologia como prática cotidiana e a utiliza nos espaços que convivem, alterando a noção de tempo, do que é real e virtual dentro dos ambientes físicos e do ciberespaço. Assim, o uso indiscriminado das novas tecnologias se concretiza com naturalidade e necessário para a inclusão do indivíduo na sociedade.

No campo escolar, somos desafiados constantemente pelos nossos estudantes a nos reconfigurar como professores e conseqüentemente intermediar nossa prática pedagógica com aplicação das novas tecnologias na mediação dos conteúdos, uma vez que as mesmas refizeram a noção do processo de aquisição da leitura e escrita, da interpretação da linguagem e da pesquisa de informações.

O pensamento digital está inserido no cotidiano dos nossos estudantes e ocorre em diversos estágios e simultaneamente. Observa-se pelos relatos dos professores entrevistados que os estudantes chegam à escola, desmotivados a aprender através das





práticas tradicionais, apegados ao uso dos aparatos tecnológicos e sem o discernimento da real necessidade do seu uso. Kenski (2010, p.122) nos demonstra que “A escola tradicional também restringe a interação com a informação, por meio de programas e currículos. Restringe igualmente o acesso à informação a um número limitado de pessoas: alunos e professores.” Devido a essas restrições, os estudantes buscam no ciberespaço informações aleatórias que se conectam e se convergem, dentro da experiência consumatória de quem as acessam, pois o conhecimento não é mais linear e o professor deixou de ser o único detentor dos saberes.

Numa simples navegação, o estudante pode obter informações relacionadas a fatos que ocorrem no Japão, no Brasil e em sua cidade simultaneamente ao conteúdo ministrado pelo professor. A cibercultura presente nas interfaces da internet se estende numa variabilidade espacial e temporal. Antigas distâncias não são mais válidas:

Cria-se, portanto, uma situação em que vários sistemas de proximidades e vários espaços práticos coexistem. [...] Cada novo agenciamento, cada “máquina” tecno social acrescenta um espaço-tempo, uma cartografia especial, uma música singular a uma espécie de cama elástica e complicada em que as extensões se recobrem, se deformam e se conectam em que as durações se opõem, interferem e se respondem. A multiplicação contemporânea dos espaços faz de nós nômades de um novo estilo: em vez de seguirmos linhas de errância e migração dentro de uma extensão dada, saltamos de uma rede a outra, de um sistema de proximidade ao seguinte. Os espaços se metamorfoseiam e se bifurcam aos nossos pés, forçando-nos a heterogênesse. (LÉVY, p. 22,1996).

Os livros e apostilas não são mais os únicos que dispõem o conhecimento. Não há um local ou horário para que a informação se propague. A internet nos propicia relações diferenciadas na pesquisa e na elaboração da informação. Kenski (1998, p. 59) expõe que: “A tecnologia moderna reestrutura ainda mais profundamente a consciência e a memória, impondo uma nova ordem nas formas tradicionais de compreender e de agir sobre o mundo.”

O professor entrevistado I., por exemplo, da Educação Inclusiva expõe que ocorreu um grande avanço das tecnologias e da sua utilização pela sociedade nas últimas décadas. Por diversos fatores, a escola e os professores acompanharam esta evolução com algumas restrições, sem se atentarem sobre a repercussão que essas mudanças culturais/sociais e econômicas que ocorreram no mundo em função das novas tecnologias trariam para a sociedade. De acordo com Alda (2012, p. 3) “Muitos professores mantêm o mesmo método de ensino durante toda a carreira, e sustentam-se em discursos antiquados e inadequados ao contexto dos alunos de hoje.” Valente e Almeida (1997) justificam:

Isso tem acontecido, em parte, porque as mudanças pedagógicas são bastante difíceis de serem assimiladas e implantadas nas escolas. A outra dificuldade é apresentada pela velocidade das mudanças da Informática, criando uma ampla gama de possibilidades de usos do computador, exigindo muito mais dessa formação do professor, o que acaba paralisando-o. (VALENTE E ALMEIDA p. 15)





Nas décadas de 70 e 80, as tecnologias estavam em discursos inovadores e distantes da realidade das escolas. Projetos como o **Educom**¹ não atingia a toda comunidade. Apesar das diversas iniciativas e pesquisas dentro das universidades e escolas, as tecnologias eram recursos considerados neutros por não atingirem toda a comunidade escolar. Valente e Almeida (1997, p. 15) relatam: “Embora a mudança pedagógica tenha sido o objetivo de todas as ações dos projetos de Informática na Educação, os resultados obtidos não foram suficientes para sensibilizar ou alterar o sistema educacional como um todo”.

Com o avanço tecnológico que se iniciou nos anos 90, a realidade das escolas se alterou. Os estudantes tiveram acesso a tecnologias que anteriormente poucas pessoas tinham. Novos equipamentos foram lançados e o imediatismo das informações levou as pessoas a adquirirem tecnologia compulsoriamente. Sendo assim, equipamentos modificaram seu papel de recursos técnicos e tornaram parte integrante do cotidiano da população escolar.

As mensagens das novas tecnologias não são fechadas, o receptor ao recebê-las pode manipulá-las e alterá-las conforme sua visão, ressignificando seus valores, tornando-se sujeito ativo na busca e fornecimento de informações de fatos que ocorrem dentro ou fora do seu cotidiano. Não é somente o professor ou o jornalista que oferece uma informação, mas qualquer pessoa que tem acesso às novas tecnologias. A cibercultura permite que o indivíduo altere a mensagem recebida dentro do seu próprio contexto e transformá-la em informação verossímil ou não. Logo, para mediar o conhecimento dentro da sala de aula, o novo professor deve se atentar que:

A sala de aula tem sido normalmente um espaço conservador, tornando-se, por isso, pouco atrativa para os mais jovens. As suas portas têm de ser abertas ao professor visionário capaz de pôr a sua imaginação ao serviço do desenho, teste e adoção – ou abandono – de novos métodos ou novas tecnologias (GOMES, 2014, p.13).

Percebe-se, a urgente necessidade de buscar novas situações que integrem os professores no letramento digital, considerando-se que os mesmos estão numa realidade conflitante na qual o estudante tem um celular que faz as mesmas funções que o computador da escola de forma mais rápida e com aplicativos que conversam na mesma linguagem do estudante.

O professor R., entrevistado nesta pesquisa, reconhece a necessidade da adequação dos planos de aula a realidade que as novas tecnologias trouxeram ao cotidiano escolar. Ele utiliza as novas tecnologias com objetivos pré-estabelecidos para intermediar as questões propostas no livro-texto com o universo digital. Afirma que esses aplicativos podem instigar o estudante a buscar o conhecimento e aumentar a interação entre professor/estudante.

Ao realizar um paralelo dos conteúdos dispostos no livro texto e o universo digital que o estudante vivencia cotidianamente, o professor contribuirá para que o mesmo

¹ Conforme Valente e Almeida (1997, p.14) O projeto Educom consistia em “pesquisas pautadas em experiências concretas, usando a escola pública, prioritariamente, o ensino de 2º grau. Essas foram as bases do projeto EDUCOM, realizado em cinco universidades: UFPe, UFMG, UFRJ, UFRGS e UNICAMP. Esse projeto contemplou ainda a diversidade de abordagens pedagógicas, como desenvolvimento de software educativos e uso do computador como recurso para resolução de problemas.”





perceba que o conhecimento pode ser ou não produzido dentro do ciberespaço. Sendo assim, o estudante se atentará que as fontes verossímeis de informações (virtuais ou físicas) se inter-territorializam, uma fundamentando teoricamente a outra.

Já o professor M., utiliza dos recursos das novas tecnologias como fator para ele positivo dentro do plano de aula. Ele insere personagens e artistas nas atividades escolares para estimular e provocar o debate em sala de aula. Ele relata que os conteúdos são debatidos e enriquecidos pelos colegas e professores que participação de fóruns e grupos nas redes sociais e aplicativos de mensagens. Logo, o professor M. visa a conciliar os conteúdos programáticos com as novas tecnologias, buscando assim utilizar a linguagem do estudante na mediação do conhecimento.

Neste aspecto, o professor, ao perceber que os conteúdos programáticos tem relação estrita com fatos que ocorrem na sociedade e na cibercultura, poderá promover ações pedagógicas que inter-territorializam os conteúdos com temas que estejam em evidencia no ciberespaço e no cotidiano escolar. Inserindo as questões importantes ao processo ensino/aprendizagem e mediando embates positivos através das informações que as mídias dispõem. Rodrigues (2001, p. 33) discorre que: “A integração se dará, normalmente, e os alunos além de compreender melhor a sua relação com o mundo vivido, poderão incorporar os novos instrumentos do conhecimento [...]”

Portanto, o professor deve se reconfigurar para relacionar os conteúdos didáticos expostos nos livros e apostilas com as interfaces do ciberespaço, selecionando, por exemplo, dentro das abundantes rotas de informação, conteúdos que provoquem a capacidade de compreensão dos estudantes sobre os acessos na Internet. Auxiliar o estudante a separar as informações que serão pertinentes ao seu conhecimento e não expô-los a informações aleatórias ou em grandes quantidades. Promover ações em que nossos estudantes transformem informação do ciberespaço em conhecimento. Fernanda Cunha (2014) no vídeo Depoimento Investigativo - *Arte/Educação versus E-Arte/Educação no contexto da cultura digital e não digital: abordagem triangular versus sistema triangular digital* relata que:

Para conhecer aquela informação, ele [o professor] precisa ter a capacidade de reconhecer o que aquilo é e que importância aquilo tem, qual é a relação que aquela informação se traz, se forma ou pode ser promovida pelo próprio educando no ato de conhecer, de reconhecer ou não, de descartar aquela informação para conhecimento ou não. (CUNHA, 2014).

O professor ao assumir o papel de facilitador do conhecimento possibilita a criação de alternativas que tornem os estudantes atuantes juntamente com a escola nas decisões de como e quando utilizar as novas tecnologias no seu cotidiano escolar. Pois, sabe-se que estudante estando on-line não significa que ele esteja incluso na cibercultura. Ao entendermos esse paradigma, viabilizaremos que o estudante adquira meios de se conscientizar de quando e como utilizar as novas tecnologias. Ele terá a autonomia de decidir sobre o que consome, preservando seu direito de estar consciente sobre a seleção das informações que busca nas distintas rotas da internet.

Conforme, a professora T. da Educação Infantil e EJA relata o uso das tecnologias está avançado inclusive nos indivíduos não alfabetizados. O estudante tem o conhecimento digital prévio trazido dos diversos espaços, virtuais ou físicos, que frequenta. Devido a isto, nota-se a necessidade de se conhecer e utilizar as novas tecnologias nos planos de aula. Há





uma grande evolução no processo de ensino aprendizagem quando esses recursos são aplicados aliados aos conteúdos. Portanto, o “novo” professor deve se atentar que:

[...] precisaria, no mínimo, de uma cultura geral mais ampliada, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com as mídias e multimídias (LIBÂNEO, 2002, p. 28).

Salienta-se que sem o conhecimento prévio dessas novas tecnologias não há como realizar um paralelo entre a cultura digital, o conhecimento trazido de casa e o conhecimento formal obtido na escola. O estudante ao adentrar na escola carrega saberes digitais que estão agregados ao seu cotidiano e os utilizam em diversas situações de aprendizagem dentro da escola. Alda (2012, p.4) aponta que “Para progredir, o professor deve ser um aluno constante, não só com o objetivo de buscar conhecimento, mas também para perceber a perspectiva dos seus alunos.” Uma vez que as novas tecnologias provocam uma nova maneira de ensinar, refaz a visão de mundo e quando utilizadas com competência tornam-se possibilitadoras metodológicas do conhecimento crítico e autônomo.

Ao contemplar as demandas sociais e culturais que as novas tecnologias estabeleceram ao mundo contemporâneo, o professor compreenderá as mudanças que ocorreram no pensamento dos estudantes e distinguirá que ter acesso aos aparatos tecnológicos não contribui, necessariamente, para a formação da consciência autônoma. Outrossim, é o trabalho orientado pelo professor que fará com que haja um relacionamento saudável e representativo entre estudante/professor e as novas tecnologias.

Freire (2001, p. 28) afirma que “[...] a indispensável ajuda do educador, superando o seu saber anterior, de pura experiência feito, por um saber mais crítico, menos ingênuo.” Ou seja, o professor poderá contribuir para alteração do pensamento ingênuo dos estudantes de que o ciberespaço dispõe de toda a informação necessária para a obtenção e produção do conhecimento. Por meio do trabalho orientado com metodologias instigantes, o professor apontará aos estudantes que o conhecimento é produzido em diversos espaços tanto físicos quanto virtuais e que esse conhecimento inter-territorializa-se com as práticas cotidianas da escola.

Os diversos territórios (físicos e virtuais) que se interligam e se comunicam na internet oferecem recursos que podem dinamizar os planos de aula dentro da perspectiva do pensamento digital dos estudantes:

A articulação dos conteúdos precisa superar a relação hierarquizada e linear estabelecida pela escola – primeiro aprende-se isto, depois aquilo, de forma sequenciada e serial - e partir para uma organização curricular transversal, numa perspectiva de janelas. Como em computadores onde se abre uma janela, estuda-se, redige-se um texto e depois fecha-se, para ir a uma outra, retorna-se à primeira, vai-se para uma terceira, volta-se num constante movimento de ir e vir. (MORAIS, 2000, p.20)

A professora entrevistada L., por exemplo, do Ensino Fundamental trabalha numa escola onde as novas tecnologias são proibidas. Entretanto, relata casos em que os estudantes utilizam redes sociais durante as aulas e demais espaços da escola. Eles possuem





grupos de conversação para se comunicarem e repassarem informações, fotos, vídeos que podem ser ou não verídicos.

A escola deve se posicionar e confrontar a busca e troca frenética de informações sem julgamento proporcionadas pelo uso indiscriminado da internet em seu ambiente. Pensar em alternativas que viabilizem o uso das novas tecnologias em prol da aquisição e produção do conhecimento dos estudantes passa a ser também função social da escola. Respeitando o direito dos estudantes de estarem inclusos conscientemente na cibercultura, é papel da escola torna-los participativos nas situações que vivenciam dentro e fora da escola, além de questionarem a veracidade de informações impostas pelas mídias.

Por meio do domínio das interfaces da internet, pelo professor, pode-se potencializar a prática pedagógica e trazer para a sala de aula, aspectos relevantes das novas tecnologias que auxiliaram a compreensão dos nossos estudantes que eles têm o dever de serem cidadãos responsáveis dentro do mundo virtual. O estudante se atentará, com o auxílio do professor, que ao acessar sites, páginas de relacionamento e demais interfaces do ciberespaço, ele se torna responsável pelas informações que ali são divulgadas e pela veracidade das mesmas. Estas práticas acarretam a possibilidade de repensar sobre as implicações que seus atos, no ciberespaço, trarão para a sociedade e para si próprio.

A omissão da mediação do conhecimento digital, pelo professor, contribuirá para a exclusão do estudante dentro da cibercultura, ou seja, pode contribuir para a alienação da sociedade, aumento dos crimes virtuais e omissão quanto a questões importantes da política, economia e outros. Freire (2001, p. 28) reflete que “[...] a prática educativa é tão interessada em possibilitar o ensino de conteúdos às pessoas quanto em sua conscientização.” O professor não pode ser alheio ou neutro em relação a essas questões que se apresentam no cotidiano escolar contemporâneo. Ao se posicionar reflexivamente dentro da cibercultura, com argumentos críticos e propostas metodológicas podem colaborar para a inserção autônoma e na conscientização dos estudantes sobre suas ações dentro do ciberespaço.

O papel do professor hoje, face à realidade virtual, deveria ser buscar um equilíbrio no processo de mediação do conhecimento e as novas tecnologias. Para isto, ele deve se predispor a conhecer e trabalhar com o novo através de pesquisas, exploração do ciberespaço e rompendo barreiras culturais, construindo uma ponte entre seu universo e o universo em que o estudante está inserido, realizando uma interconexão de universos em prol do ensino/aprendizagem. Visando a ampliar o conhecimento e o letramento através de subsídios relevantes que educaram os estudantes na habilidade de adquirir conhecimentos no ciberespaço e na capacidade na discernir que a produção de conhecimentos ocorre dentro e fora da cibercultura.

Na educação digital, segundo nos coloca Cunha (2012, p.364) “[...] o usuário deve ser encorajado a questionar valores digitais agregados a sua realidade para ressignificá-los por meio da crítica e autogovernança.” Ou seja, em vez de castrar o pensamento crítico do estudante dentro de laboratórios sucateados onde o acesso é limitado a um amontoado de técnicas incoerentes, podemos estimular o uso consciente desses equipamentos e integrá-los às atividades propostas.

O papel do novo professor consiste em avaliar, apreciar e mediar diálogos entre os estudantes como intermediário da obtenção e construção da aprendizagem. Nota-se que o ambiente formal das escolas complementa e pode constituir o ciberespaço. Assim, o





professor mediará nestes espaços físicos ou virtuais questões e conteúdos que contribuam para atender as necessidades específicas de aprendizado dos estudantes. Conciliando metodologias que promovam discussões em sala de aula e no mundo digital através de referências acadêmicas que subsidiaram seus planos de aula.

O professor poderá correlacionar os conteúdos propostos nos livros-textos e nos currículos com o cotidiano digital dos estudantes e da escola. Promovendo ações que instiguem a comunidade escolar a se tornar participativa e responsável na busca e fornecimento de informações verossímeis dentro do ciberespaço. Afim de que essa inter-territorialidade, entre escola e o mundo virtual, fortaleça a sua prática pedagógica e as suas aplicabilidades na mediação do conhecimento. Kenski (2008, p. 655) menciona que: “O papel do mediador se amplia no estímulo para que todos estejam conectados, atentos, participantes. Como educador, ele orienta o caminho, fornece trilhas confiáveis, estimula a reflexão crítica, a produção criativa.” Ou seja, o professor favorecerá a parceria saudável dentro da comunidade escolar em relação à elaboração e reflexão sobre uma vivência autônoma e participativa na cibercultura.

Para isto, o professor deve entender as novas tecnologias e se comprometer com a seleção e reelaboração dos conteúdos dispostos na internet, correlacionando-os com os conteúdos aplicados. O professor deve saber para que e o porquê de se utilizar as novas tecnologias na sala de aula utilizando métodos avaliativos quanto à aplicação e o diagnóstico do objetivo e da metodologia aplicada no uso das novas tecnologias.

O trabalho do professor da era digital poderia ser repensado em função de esclarecer e estimular os alunos a serem cidadãos que pensam, discutem e se relacionam reflexivamente nas rotas virtuais. Freire menciona que não há caminho mais ético e democrático do que demonstrar aos estudantes como pensamos e as razões por que pensamos de determinada forma. Mas simultaneamente dando-lhes provas concretas que respeitamos suas opiniões em oposição as nossas (FREIRE, 2001). Ou seja, os estudantes através da orientação e estimulação dos professores podem construir significado ou ressignificar o pensamento e valores trazidos da sua cultura digital.

Entretanto, eles devem ter a concluir que serão respeitados nas suas escolhas dentro das rotas que desejam navegar, utilizando as novas tecnologias com responsabilidade e refletindo suas ações, consequências e situações dentro do ciberespaço. Para tanto é indispensável que o professor ouse a experimentar novas metodologias que forneçam condições para que o estudante seja crítico e participativo dentro do ciberespaço.

3.Considerações finais

Atualmente, nas salas de aula, há a crescente necessidade de uma educação digital crítica, pois o consumo e a disposição de informações no ciberespaço ocorrem desenfreadamente e sem a criticidade devida.

Observa-se, através dos relatos e entrevistas dos professores citados nesta pesquisa conciliados com um levantamento bibliográfico, que as novas tecnologias modificaram o cotidiano de nossa comunidade escolar sendo impossível dissociá-las das nossas práticas





pedagógicas. As novas tecnologias se estabeleceram como vitais para a vivência em sociedade e interferem no cotidiano dos estudantes dentro e fora de sala de aula.

O papel do novo professor está no envolvimento e a familiarização com as diversas interfaces que as novas tecnologias dispõem e impuseram a comunidade escolar. Ele deve buscar um equilíbrio entre os conteúdos propostos e os oferecidos no ciberespaço, promovendo um diálogo dentro dos seus planos de aula que aborde a vivência tecnológica, a linguagem de seus estudantes e as propostas curriculares. Através de mecanismos interativos que aliam os conteúdos e insira os estudantes conscientemente na cibercultura.

Valente e Almeida (1997, p. 15) nos relatam que: "O papel do professor deixa de ser o de "entregador" de informação para ser o de facilitador do processo de aprendizagem." Logo, ao se tornar parceiro dos estudantes e se familiarizando com a cibercultura, o professor perceberá que sua prática pedagógica não se baseará somente nas novas tecnologias ou em repassar os conteúdos do livro-texto e sim na busca da transformação da informação em conhecimento consciente.

Desta forma, os estudantes estarão cientes das consequências das suas ações dentro e fora do ciberespaço. Apesar de ser um processo árduo que pode encontrar empecilhos, o professor e a escola não podem ser omissos ou alheios nas mudanças que ocorrem na sociedade. Logo, o letramento digital pelos professores contribuirá para atender estudantes com muitos aparatos tecnológicos e escassos de critérios responsáveis e autônomos nas escolhas de suas rotas na internet.

Referências

ALDA, Lucia Silveira. **Novas Tecnologias, novos Aluno, novos professores?** Refletindo sobre o papel do professor na contemporaneidade. Anais do XII Seminário Internacional de Letras, Língua e Literatura na pós-modernidade, 2012. Disponível em: <http://www.unifra.br/eventos/inletras2012/Trabalhos/4668.pdf> Acesso em: 21/08/2015

CUNHA, Fernanda Pereira Da. **Perfomances culturais intermediáticas: Você tem fome do quê?** Consumo de Sinais. Anais do Encontro Nacional da ANPAP (Online) , v. 1, p. 12, 2012. Disponível em: < http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio3/fernanda_cunha.pdf> Acesso em: 21/04/2015

_____ **Arte/Educação versus E-Arte/Educação no contexto da cultura digital e não digital:** abordagem triangular versus sistema triangular digital. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G70NNhbeMRA>> Acesso em 13 de julho de 2015.

_____ **Do E-Laissez-Faire à educação intermediática crítica.** Revista Inter Ação, v. 39, n. 1, p. 113-128, abr. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/29511/16370>>. Acesso em: 28/07/2015.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação.** 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GOMES, José Ferreira. A tecnologia em sala de aula. *In:_. VIERA, Fátima; RESTIVO, Maria Teresa (orgs). **Novas tecnologias e educação:** Ensinar a aprender/ Aprender a ensinar.* Porto, Portugal: Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014.





Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13021.pdf>> Acesso em: 28 Jul. 2015.

KENSKI, Vani Moreira. **Novas Tecnologias:** O redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. Revista Brasileira de Educação, n. 8 p. 58-71, mai/jun/jul/ago. 1998. Disponível em: anped.org.br/rbe/numeros_rbe/revbrase8.htm

_____ **Educação e comunicação:** interconexões e convergências. *Educ. Soc.* [online]. 2008, vol.29, n.104 [cited 2015-10-09], pp. 647-665. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000300002&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1678-4626. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302008000300002>. Acesso em: 30/09/2015.

_____ **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** 9ª Ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2010.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** 1ª ed. São Paulo: editora 34, 1996.

_____ **Cibercultura.** 1ª ed. São Paulo: editora 34, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?:** Novas exigências educacionais e profissão docente. 6ª ed. São Paulo: Cortez editora, 2002.

MORAIS, Gelcivânia M. S. **Novas tecnologias no contexto escolar.** Revista Comunicação & Educação, Brasil, n. 18, p. 15-21, set. 2000. ISSN 2316-9125. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36916>>. Acesso em: 21/05/2015

RODRIGUES, Neidson. **Da Mistificação da Escola a Escola Necessária.** 10ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Fernando José de. **Visão analítica da informática na Educação no Brasil:** A questão da formação do professor. Revista Brasileira de Informática na Educação, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 45-60, Dez. 2012. ISSN 1414-5685. Disponível em: <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/rbie/article/view/2324>>. Acesso em: 25 Ago. 2015. doi:<http://dx.doi.org/no doi>.

